

“NO MEIO E MISTURADO”: O MORENO COMO IDENTIFICAÇÃO DE COR ENTRE ESTUDANTES DE UMA ESCOLA PÚBLICA.

Alan Augusto Moraes Ribeiro¹

RESUMO:

A partir de quinze casos de discriminação racial vividos por alunos e alunas de uma escola pública do bairro do Guamá, analiso como os distintos processos identitários com base na cor, referência de identificação étnico-racial, são construídos pelos estudantes como elementos marcadores de suas trajetórias educacionais. A forma de atuação da escola e a influência dos casos de racismo vividos pelos sujeitos sobre a construção desses processos de identificação aparecem em um cenário escolar marcado pela diferenciação de acesso aos meios didático-pedagógicos entre os alunos conforme o pertencimento aos três turnos letivos, nos quais a figura mítica do indígena aparece na construção de uma *morenidade*.

Palavras-chave: Escola. Identidade de cor.

Moreno. Belém

ABSTRACT:

From fifteen cases of racial discrimination experienced by pupils and students in public schools of the district of Guamá, analyze the different processes as identity based on color, reference to ethnic-racial identity, are

¹ Alan Augusto Moraes Ribeiro é Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCS) – Turma 2009. Universidade Federal do Pará (UFPA) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH). Bolsista/CAPES. alanaugustoribeiro@yahoo.com.br.

constructed by students as part of their careers markers education. The manner of operation of the school and the influence of cases of racism experienced by the subjects on the construction of these processes of identification appear in a school setting marked by differentiation of access to resources between teaching-learning students as belonging to three shifts school, where mythical figure appears in the indigenous construction of a brunette.

Keywords: School. Identity of color. Brunette. Belém.

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS:

ANTES DO TEXTO, O CONTEXTO, EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE BELÉM.

Nesse artigo, recupero depoimentos, observações registradas em meu caderno de anotações, bem como memórias de situações vividas e vistas por mim em meu trabalho de campo feito para minha pesquisa de graduação entre adolescentes e jovens alunos-estudantes² da Escola Estadual de Ensino Médio Alexandre Zacharias de Assumpção, do Bairro do Guamá, periferia do município de Belém de Para. Durante o período letivo de 2006 e 2007, de modo intermitente, convivi na escola da qual fui

² *Aluno* ou *estudante* serão as nomeações por meio das quais farei referência aos adolescentes e jovens que escutei, vi e com quem convivi na Escola. Sem distinções para eles (e/ou para mim), ambas os termos são usados por eles, bem como pelos professores e pela diretoria e secretaria para realizar identificações recíprocas uns aos outros.

aluno. Em outras palavras, retornei a escola que se situa no bairro em que resido para fazer iniciação científica na qual, outrora, fui aluno. Precisei fazer um tipo de ir e vir hermenêutico, percorrer o trajeto de um vai e vem interpretativo e epistemológico que penso ter realizado, a partir do que escreve GEERTZ (1989; p. 15-41), entre o que fui para os meus antigos professores – e alguns colegas que no Zaca³ permaneciam como estudantes desde *minha época* de estudante da escola, e o que passei a ser para eles: um “universitário”, um “estagiário” e, até mesmo, um “professor”: entre o modo como me relacionava com eles e o jeito que devo vê-los agora, impõem-se conceitos e teorias antropológicas como referenciais de análise que não posso preterir.

Aqui focalizarei as distintas representações acerca do que se define como escola para alguns alunos, o que cada estudante demanda da instituição que é vivida como espaço de sociabilidade privilegiado para cada um, os quais no contexto de minhas incursões ao referido espaço, também se identificavam a partir do horário em que estudavam na escola, conforme permanência nos três turnos

³ Zaca e o modo nominal reduzido com o qual os estudantes, sobretudo, se referem à escola, como diminuição de Zacharias, e com o qual me referirei à escola nesse texto.

oficiais⁴ letivos, bem como o pertencimento racial construído com base em critérios de classificação com base na cor⁵. Revisito aqui histórias e experiências vividas diante do que não é dito como oficial na escola (CAVALLEIRO, 2003; 101), mas que se vivencia e se “experencia” diariamente nela. Este texto apresenta resumidamente a discussão que venho desenvolvendo acerca da temática que posso denominar de processos identitários segundo sistema de classificação de cor (PINTO, 1998, p. 3-5), lançando mão da análise antropológica sobre a questão da identidade social para pensar o moreno como categoria social abrangente no contexto da Amazônia, a partir de uma análise com o ponto de partida na escola. As falas destacadas por mim dos sujeitos entrevistados são todas identificadas, com nomes fictícios. Quando não citadas isoladamente, estão presentes dentro do texto

⁴As escolas públicas de ensino médio do Município de Belém do Pará funcionam em três turnos letivos distintos, manhã, tarde e noite. Oficialmente, conforme a LDB 9.394/1996, a oferta de vagas e de turmas, bem como as series ou etapas de progressão devem obedecer a demanda de procura dos alunos.

⁵Adotando a perspectiva sociológica que concebe a noção de cor como uma categoria de classificação racial que é sempre informada pela idéia de raça, cuja presença na elaboração dessa categoria aparece sob a forma de uma ideologia racial, mesmo que não enunciada e explícita, (GUIMARÃES, 1999, p. 42-43) assinala que essa ideologia racial atua na atribuição de significados múltiplos para a identificação de cor dos sujeitos, exercendo algum tipo de influxo nos mecanismos de classificação dentro dos grupos de cor. *Isto é, as pessoas têm cor apenas no interior de ideologias raciais* (p. 44).

interpretativo, entre aspas e sob itálico para serem destacadas.

2. NO MEIO E MISTURADO: O MORENO ENTRE OS ALUNOS DO ZACA.

A morena e o moreno, como atributos sócio-raciais portadores de sentidos peculiares entre os estudantes do Zaca são permeados por lógicas culturais e formas de sociabilidades pelas quais perpassam alguns valores específicos. Há um caráter de razoabilidade – moreno é razoável – que torna tais atributos portadores de sentidos variados. Assim, é no (na) moreno (a) que o pardo ganha força e vários tons de pele. O primeiro fomenta a existência do segundo e ganha o estatuto de cor ao dissolver, assim, seu caráter intermediário, ganhando identidades sócio-raciais. O (a) moreno (a) dificulta a visualização e explicitação do racismo à brasileira (DAMATTA, 1987, p. 62). Ser moreno é, sobretudo, não usar o preto, não usar o negro.

Segundo CONRADO (2007)⁶, a classificação segundo a cor é um interdito social no contexto de Belém, isto é, quando escapa de branco, como diz o ditado, preto é. Para essa autora, se autotransclassificar ou imputar a alguém qualquer tonalidade de cor que escape de branco é correr o risco de escurecê-la, segundo o lugar social em que se encontra o indivíduo. Ser preto ou ser chamado de preto causa depreciação em sentido absoluto. Preto ou negro é xingamento em muitos contextos, o qual imprime uma marca indelével, sem possibilidade de se enquadrar como uma categoria relacional e contextual.

Para MAGGIE (1998, p. 209) o moreno é um termo instigante. Ele parece representar uma válvula de escape presente na análise das relações raciais no Brasil, quando define o mestiço como a solução brasileira diante do conflito racial aberto e violento que acontece nos Estados Unidos ao mesmo tempo em que revela muito pouco sobre a cor do entrevistado. Faz indicações acerca da questão racial dos sujeitos e pode ser, também, uma chave para se discutir cor e raça sem falar sobre cor e raça.

⁶Em palestra proferida no dia nacional de combate ao racismo, organizado pelo GEAM (Grupo de Estudos Afro-amazônicos), sob o tema “Racismo e Ações Afirmativas no na UFPA” - Julho de 2007, a Prof^ª. Dr^ª. Mônica Prates Conrado, do Laboratório de Antropologia da UFPA fez referência às questões levantadas pelos participantes que perguntavam como se poderia realizar definições incontestáveis sobre a cor de uma pessoa.

Moreno contém em si mesmo tanto cor como ausência de cor. Tanto pode ser um negro retinto, quanto pode uma alva de cabelos pretos, e é uma categoria que tanto revela sobre a cultura quanto pode ser usada para conotar o lugar social das pessoas. Moreno contém em si o gradiente, a oposição negro/branco e a oposição preto/branco. Ela é a categoria que por excelência fala do nosso modo particular cotidiano de falar nas raças e nas oposições, sem falar delas (MAGGIE, 1998, p. 211).

Em nossa pesquisa, o moreno e morena informaram mais do que a cor do entrevistado, como já apresentei antes. Nas duas primeiras entrevistas realizadas com Aline e Renata e, posteriormente, com os (as) outros (as) cinco estudantes, o moreno apareceu durante toda a entrevista, sobretudo quando lhes perguntei se elas já haviam sido vítimas de racismo. Elas disseram que racismo não, mas discriminação sim, palavra usada várias vezes sem o complemento racial.

“È eu acho que não é preto! Assim do jeito que se fala não é não *porque eu não acho que sou preta*. Acho que se podia ‘fala’ uma palavra menos forte por que morena é uma pessoa bonita, assim razoável. È assim um pessoa escura que não é negra, mas tem uma beleza”. (Aline, 17 anos).

A idéia de evitação dos termos preta e negra atrela-se a um sentido de atenuação que ambos os vocábulos possuem para Aline. Preto é uma palavra “forte”, isto é, oposta a pessoa bonita que é representada pela

morena. Menos forte é possuir um padrão de razoabilidade que atribui ao moreno, imputando-lhe, uma distância considerável com relação ao preto, pois mesmo que aos estudantes, negro e preto sejam vistos e determinados como sinônimos, o termo preto é muito mais ofensivo que o termo negro.

“Olha, a morena é uma pessoa que *não è escura*, e não é clara é uma cor *razoável*. E eu me acho *morena clara*, eu me acho *clara*, me acham morena. Moreno é assim oh... perai... é pra não dizer negro ou preta porque tem uma diferença assim né, porque tira a negra e bota a morena entendeu” (Renata, 18 anos).

Substituição, eufemização (perífrase) e atenuação se conjugam com o sentido de evitação e desvio do uso do termo morena presentes na fala de Renata. Para ela morena é também uma cor razoável porque não é escura e nem é clara. Ela é usada para substituir negra, para “*botar*” no lugar dela. O termo razoável é repetido por Renata muito mais como uma concordância do que como um pensamento recorrente. Renata parece repetir a idéia de Aline não apenas por meio do razoável, mas também pela noção de distanciamento que “*morena*” carrega via noção de razoabilidade.

“A pele do negro é bem mais escura e o negro é *mais discriminado* não tem como discriminar a morena porque a pele é *menos escurinha* e os cabelos são assim: é ondulado o cabelo do negro é carapinho. Carapinha é aquele tipo de cabelo assim que é todo enroladinho, bem mesmo assim” (Maria, 18 anos).

As entrevistas destas três alunas foram o ponto de partida para as minhas incursões em direção aos contatos com os outros alunos e alunas que pude manter contatos e trocar informações. A morena para Aline é bonita e razoável, mas que tem uma beleza. Ela deve ser vista em oposição à cor preta com conteúdo semântico carregado, isto é, “*menos forte*”. Todas as descrições de moreno (a) expostas a seguir foram registradas pelos próprios estudantes, durante a oficina temática. As conversas e trocas de brincadeiras entre os alunos participantes foi constante durante a oficina, o que pode ter influenciado nas próprias definições sobre a categoria morena (o).

“Eu sou negro, mas sou mais moreno que um negro assim escuro que tem a pele da mão que não é branca. Uma pessoa que é *moreno* tem um índio na família porque no Brasil todos daqui tem um índio um negro e um de branco. Por isso que tem caboclo, mulato e mameluco na gente. Todos são iguais eu acho que não tinha que ter discriminação entre as pessoas do mundo” (Ewerton, 17 anos)

As terminologias de cor apresentadas pelas alunas e pelos alunos podem, então, ser discutidas com referência àquele emaranhado da semântica cultural das palavras que usamos (SHERIFF, 2002, p. 202) também para definirmos a própria identidade com base na cor fenotipicamente elaborada. Esses significados, que em face do ambiente visual

interno do lugar, no qual estão presentes diversos quadros e pinturas de “índios” nas paredes da escola e no conteúdo dos trabalhos pedagógicos que alguns professores pedem aos alunos do 1º ano sobre o dia do índio, são também construídos na e pela instituição escolar.

O (a) moreno (a) parece evidenciar um esforço semântico com base na qual se expressa um processo identitário que é usado e significado como próximo ao negro e distante do branco, descartando a auto-identificação negro e preto e, ao mesmo tempo, distanciando-se da auto-identificação branco. Trocando em miúdos: este uso do moreno (a) é interpretado como um esforço de afastamento do pólo negro e não necessariamente de aproximação, por conseguinte, do pólo branco. Isso posto, parece que o processo de embranquecimento ou branqueamento por meio dos usos do moreno (a) dos alunos e alunas, que é elaborado dentro de um gradiente que gira em torno do pólo preto-negro, pode ser interpretado de maneira parcial. Há branqueamento, mas ele se dá através da eliminação da idéia de negritude.

Ao mesmo tempo, o (a) moreno (a) pode ser percebido como uma emanção sutil de preconceito em si mesmo. Isto é, o moreno usado pelos alunos entrevistados é *per si* uma

forma de racismo, ele pode articular consigo uma modalidade de preconceito racial que se dá no movimento de negação de si, de transformação de si em outro, de tornar-se um outro, uma outra, que evita aquele e aquela que é discriminada, vítima de ofensa e injúria racial. O moreno já é preconceito sem se conceber como tal, na medida em que demonstra uma auto-evitação dos estudantes entrevistados que não querem ser o que os outros dizem (via ofensa racial) que eles e elas são: negros (as) e pretos (as).

Por conseguinte, este branqueamento indicanos, também, uma forma peculiar de significação no contexto observado, que pode ser interpretado muito mais como um *distanciamento* do que uma aproximação. Em termos sucintos: o moreno (a) serve mais para se afastar do pólo preto do que para se aproximar do pólo branco.

O termo moreno (a), na pesquisa de SANSONE (2003, p. 86) aparece como uma “palavra guarda-chuva” para definir uma estética não-branca pelos sujeitos. Morena (o) indica distanciamento de terminologias não-negras. Entre os estudantes do Zaca, essa identificação é realizada em torno de um contexto específico e individualizado que lhes é comum: se declararam vítimas de preconceito ou discriminação dentro de uma

escola que é considerada a melhor escolha pública do bairro do Guamá.

“Morena é uma mulher clarinha só um pouquinho, não é branca é uma mulata. Morena é uma mulata de carnaval, tem um corpão e de pele frágil. O negro tem um corpão e a morena fica entre os dois, o ser humano que é branco e o ser humano que é negro” (Rosemeire, 16 anos).

No caso das alunas com quem conversei e que me forneceram tais definições de moreno os usos e significados desta cor podem ser interpretados, dentro do contexto observado, como um vocábulo de evitação da auto-identificação negra e preta, ambas representadas pelas alunas e alunos como referências identitárias portadoras de uma semântica socialmente depreciativa presente no interior da escola, as quais são expressas e definidas com base nas diferentes percepções que as alunas (os) da escola possuem sobre o tipo de cabelo, traços faciais, corporais, e tonalidade da pele.

O que salta aos olhos nestas construções do moreno (a) dentro da escola é a referência de comparação centrada nos termos negro e preto. Ou seja, a categoria morena (o) é elaborada com relação a outras construções: o negro, o escuro e o preto. Eles se apresentam sob os estereótipos do escravo, que sempre trabalha arduamente, cuja referência é o passado escravocrata do país, imagem possivelmente oriunda dos estudos

da disciplina História, da mulata, a mulher negra bonita, com belas feições, comum corpo esteticamente sensual de curvas arredondadas, da doméstica, cujo desprestígio social é expresso pelos alunos, invisibilizada, etc.

Sobre os modos de uso do *moreno*, a abordagem quantitativa apresentada por VALLE E SILVA (1999, p. 32) demonstra que a tese que considera a preferência pela denominação *morena* entre os brasileiros como decorrência de uma carga semântica negativa atribuída ao termo *parda* somente seria plausível se, mesmo indivíduos fenotipicamente brancos não preferissem se autodenominar *morenos*, sobretudo porque, segundo este autor, “a preferência pela *morenidade* parece ter um escopo maior do que uma simples rejeição ao termo *parda*” (VALLE E SILVA, 1999, p. 37). Ou seja, o uso da denominação *moreno* é, é uma “preferência identitária” e aceitação do *moreno* pelos fenotipicamente classificáveis como brancos e negros.

A abordagem que localiza o uso do *moreno* (a) como uma terminologia marcadamente imprecisa e ambígua, que atenua a negatividade de sentido atribuída aos termos “preto”, “negro” e “Paraíba”, considera ao mesmo tempo em que *moreno* é situado entre o elemento branco e preto, e representa na

escala de cor estabelecida pelo grupo pesquisado “Uma proximidade maior com o branco e por isso, muitas vezes implique numa ambigüidade positiva, isso se entendermos o pólo branco como o pólo socialmente positivo entre os moradores do Alarico” (POLI PACHECO, 1983, p. 31). Dentro do caráter relacional das atribuições de cor acionadas pelos indivíduos em suas relações cotidianas, a intencionalidade do uso do *moreno*, conforme essa autora consistia em se aproximar semanticamente do termo branco.

Em nosso trabalho, o atributo *moreno* (a) expresso pelos alunos e pelas alunas *não* significou uma tentativa de aproximação com o pólo branco. Significou, do outro lado da escala, distanciamento do pólo negro-preto. Em outros termos, a construção da cor *morena* e da *morenidade* como um tipo de enunciado identitário (AGIER, 2001, p. 11) com base na cor, foram elaboradas com objetivo de evitar os termos negro e preto, mas não necessariamente aproximar-se do pólo branco.

“*Moreno* é *razoável*, e preto é mais escuro tem preto que é pretão, *moreno* é mais claro. Olha, é, um exemplo assim: tem maior diferença entre uma pessoa que é *morena* e uma branca do que uma que é *morena* e uma pessoa negra”. (Renata, 19 anos).

“*Morena* mistura branco e negro, o cabelo é mais soltinho, é *mais clarinho*. A *morena* é menos pretinha, negro é mais escuro e *negro* é quase azul tem a palma

da mão do negro é *roxa* é meio roxa. Tem maior diferença entre morena e branca do que morena e escura, uma pessoa preta”. (Maria, 18 anos).

“Moreno é mais escuro que branco e menos escuro que negro... Uma pessoa negra é o contrário de uma pessoa branquinha... Eu sou morena que *tá no meio dos dois*, porque eu tenho um avô que é *índio mesmo!* Minha mãe é morena... E o meu pai... Olha... Eu acho que é branco... Ele é *mais claro* que a mamãe... Porque ele é neto de índio lá de Santarém”. (Núbia, 19 anos).

Tais diferenciações entre as construções de negra e de preta (vistas pelas estudantes como termos similares, como expliquei antes), branca e morena – “*tem maior diferença entre uma pessoa que é morena e uma branca do que uma que é morena e uma pessoa negra*”; “*Tem maior diferença entre morena e branca do que morena e escura*” – em termos de distância, podem sugerir uma particularidade local da maneira como a categoria morena (o) é acionada nas relações entre os (as) estudantes.

A morena (o) pode ser interpretada como um desses vocábulos de cor que instrumentalizam esse esforço de classificação racial que apresenta um uso descritivo, mas também taxonômico peculiar no contexto observado nessa pesquisa, que toma por base traços fenotípicos como: 1) traços labiais, 2) cor e tipo de cabelo e 3) tipo de nariz, mas, sobretudo, considera como mais importante, a pigmentação da pele na construção da categoria morena. Assim, conforme o tipo de cabelo pode haver

referência ao caboclo, cujos cabelos lisos e pele escura fazem-no migrar para o moreno (a). Entretanto, há uma ordem hierárquica de relevância desses traços entre os estudantes, que vê os lábios finos como mais atraentes, embora os lábios grossos sejam mais desejados. O nariz afinado como um traço de beleza em detrimento do nariz alongado que é visto como feio esteticamente, marcado racialmente.

“A negra tem cabelo carapinha, lábios carnudos, bundão, bocão... A morena tem cabelo liso... Mais tem bundão também, lábios ‘grande’... E tem cabelo carapinha às vezes, mais ela alisa... A morena é mais clarinha, tem pele assim mais clarinha, mais branquinha, né?”. (Elinalva, 17 anos)

Ora, se a percepção da cor e a conseqüente classificação social em termos raciais com base nessa percepção podem ser também influenciadas por características locais, regionais, onde se dinamizam as relações sociais em discussão, parece que o vocabulário usado na região norte, na periferia da cidade de Belém, em uma escola pública localizada no bairro do Guamá, pode resultar da maneira específica que os sujeitos desta cidade percebem a cor em suas relações, expressando tal percepção em uma variedade de termos que possibilitam ao mesmo tempo, a criação de vocábulos também específicos, isto se considerarmos a categoria morena como um destes vocábulos

que possui sentidos e usos construídos dentro de contextos regionalmente específicos (PINTO, 1998, p. 26).

“Eu acho que sou morena porque a minha família tem uma parte de índio, uma parte de negro e de caboclo do Marajó, porque a minha mãe veio do Marajó, e ela é filha de branco e o meu pai disse uma vez que ele teve um avô que ainda foi escravo... Eu puxei mais pra essa parte do índio mesmo, porque eu sou moreninha porque mais por causa do índio que é uma parte lá do pessoal de casa... até porque eu acho que uma pessoa morena não sofre de preconceito viu, porque eu não entendi e até o meu tio me falou que eu não podia ser discriminado porque eu tenho uma pele mais clarinha, assim moreninha e a discriminação é uma coisa que não tem sentido... eu não entendo, é uma coisa sem lógica, é uma discriminação contra pessoas mais morenas, assim de cor negra... preta como diz” (Elinalva, 18 anos).

Um outro sentido que pode ser apreendido do uso do moreno é o de ser um apontador em torno do qual ser mais moreno do que um “moreno propriamente dito” é/pode ser negro ou preto. Moreno, então, apresenta-se como uma referência com relação a qual se pode classificar quem é negro, quem é preto e quem pode ser moreno, estritamente moreno, que é distinto de preto e negro. Assim, um negro é mais moreno do que um moreno; uma morena é um pouco clara, e um branco não tem nada de moreno. Ao mesmo tempo, moreno (a) se legitima enquanto tal com base na hipodescendência de “índios”.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA:

ALFREDO GUIMARÃES, Antonio Sérgio. *Racismo e Anti-racismo no Brasil*. São Paulo: Editora 34: 1999.

AGIER, Michel. Distúrbios Identitários em Tempos de Globalização. In: *Revista Mana*. São Paulo: n.º 7 (2), p. 7-33, 2003.

CAVALLEIRO, Eliane. *Do silêncio do Lar ao Silêncio Escolar: racismo, preconceito e discriminação racial na educação infantil*. 3ª Ed. São Paulo: Editora Contexto, 2003.

DAMATTA, Roberto. *Digressão: a Fábula das Três Raças, ou o Problema do Racismo à Brasileira*. In: *Relativizando: Uma Introdução à Antropologia Social*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1987.

GERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura*. Rio de Janeiro: Editora LTC. 1989.

MAGGIE, Yvone. “Aqueles a quem foi negada a cor do dia: as categorias de cor e raça na cultura brasileira”. In: MAIO, Marcos C.; SANTOS, Ricardo V. (Ed./org.), *Raça, ciência e sociedade*. Rio de Janeiro: Fiocruz/ Centro Cultural Banco do Brasil, 1998.

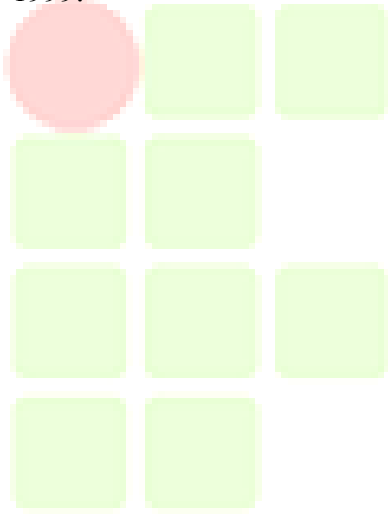
POLI PACHECO, Moema de Teixeira. *Família e Identidade Racial: os limites da cor nas relações e representações de um grupo de baixa renda*. Dissertação de Mestrado. Museu Nacional, UFRJ. Rio de Janeiro, 1986.

PINTO, Regina Pahim. *Os Problemas Subjacentes ao Processo de Classificação da Cor na População no Brasil* In: *A Classificação da Cor no Brasil*, (Ed./Org.), Fúlvia ROSEMBERG, Fúlvia. PAHIM PINTO, Regina. OLIVEIRA, Eliana de. PIZA, Edith. XXI ANPOCS. 1998

SANSONE, Lívio. *Negritude sem Etnicidade: o local e o global nas relações raciais e na produção cultural negra do Brasil*. Bahia: EDUFBA, 2003.

SHERIFF, Robin E. Como os senhores chamavam os escravos: discursos sobre cor, raça e racismo num morro carioca. In: MAGGIE, Ivone e BARCELOS, Claudia Rezende. (Ed./org.) *Raça Como Retórica: a construção da diferença*. Ri de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

VALLE E SILVA, Nelson do. Morenidade: modos de usar. In: *Cadernos Afro-asiáticos*, Rio de Janeiro: Fundação Joaquim Nabuco. 1999.



INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
SÃO PAULO